

CAPITULO VI

Resultados por idade

As curvas obtidas em cada idade por teste. Como as garatujas têm grande freqüência aos 3 anos. A persistência da 1.^a fase em todas as idades. A fraca percentagem das ultimas fases.

Os quadros que se seguem representam os resultados obtidos em cada idade e distribuidos por teste.

3 ANOS

	1.º teste			2.º teste			3.º teste			T. dos testes		Total geral
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	
1.ª Fase.....	14	16	30	10	6	16	16	10	26	40	32	72
2.ª Fase.....	14	4	18	18	16	34	5	8	13	37	28	65
Indecisos.....	1	0	1	0	0	0	1	0	1	2	0	2
Garatuja.....	21	30	51	22	28	50	28	32	60	71	90	161
Total.....	50	50	100	50	50	100	50	50	100	150	150	300

CURVA DE FREQUÊNCIA

————— Sexo masculino
 - - - - - Sexo feminino

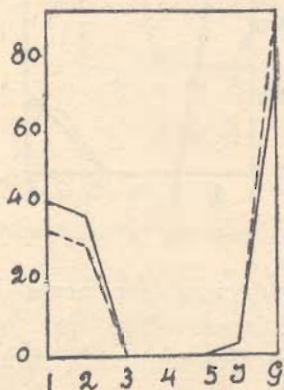


Fig. 1

Vê-se que o tipo que predomina é a garatuja: rabiscos completamente ininteligíveis do ponto de vista da intenção da criança e da interpretação visual de quem observa. Há quase coincidência de resultados nos dois sexos, sendo a maior distância das curvas entre a 1.^a e a 2.^a fases. Na abscissa estão indicadas as fases e na ordenada o número de desenhos para cada fase.

4 ANOS

	1. ^o teste			2. ^o teste			3. ^o teste			T. dos testes		Total geral
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	
1. ^a Fase.....	22	17	39	17	19	36	20	31	51	59	67	126
2. ^a Fase.....	11	10	21	26	25	51	17	12	29	54	47	101
3. ^a Fase.....	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Indecisos.....	9	16	25	0	0	0	3	0	3	12	16	28
Garatuja.....	7	6	13	7	6	13	8	7	15	22	19	41
Em branco.....	1	0	1	0	0	0	2	0	2	3	0	3
Total.....	50	50	100	50	50	100	50	50	100	150	150	300

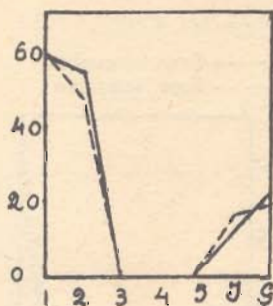


Fig. 2

Os desenhos indecisos são nesta idade mais frequentes para os dois sexos do que na anterior, enquanto que as garatujas tendem a diminuir — as curvas desceram a 22 e 19.

5 ANOS

	1.º teste			2.º teste			3.º teste			T. dos testes		Total geral
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	
1. ^a Fase.....	30	27	57	33	29	62	28	32	60	91	88	179
2. ^a Fase.....	6	10	16	13	15	28	11	7	18	30	32	62
3. ^a Fase.....	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Indecisos.....	9	9	18	1	3	4	6	7	13	16	19	35
Garatuja.....	4	2	6	3	3	6	4	4	8	11	9	20
Em branco.....	1	1	2	0	0	0	1	0	1	2	1	3
Total.....	50	50	100	50	50	100	50	50	100	150	150	300

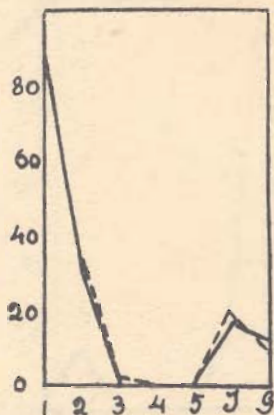


Fig. 3

A freqüência da 2.^a fase diminui de 54 e 47 para 30 e 32 e a da garatuja de 22 e 19 para 11 e 9; a freqüência da 1.^a aumenta de 59 e 67 para 91 e 88. A 3.^a fase nesta idade, como na anterior, quase não se faz notar.

6 ANOS

	1.º teste			2.º teste			3.º teste			T. dos testes		Total geral
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	
1.ª Fase.....	32	35	67	37	37	74	38	33	71	107	105	212
2.ª Fase.....	3	4	7	12	12	24	5	3	8	20	19	39
Indecisos.....	13	9	22	0	0	0	4	9	13	17	18	35
Garatuja.....	2	1	3	0	1	1	0	1	1	2	3	5
Em branco.....	0	1	1	1	0	1	3	4	7	4	5	9
Total.....	50	50	100	50	50	100	50	50	100	150	150	300

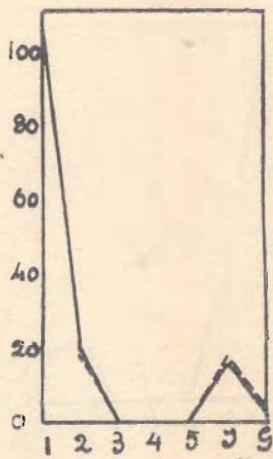


Fig. 4

A freqüência da 1.ª fase sóbe nesta idade para 107 e 105, a da 2.ª. continúa a diminuir para 20 e 19 e a da garatuja também decresce para 2 e 3. A 3.ª fase não se faz notar.

7 ANOS

	1.º teste			2.º teste			3.º teste			T. dos testes		Total geral
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	
1. ^a Fase.....	43	39	82	41	46	87	41	35	76	125	120	245
2. ^a Fase.....	2	1	3	8	4	12	1	2	3	11	7	18
Indecisos.....	3	10	13	0	0	0	7	12	19	10	22	32
Garatuja.....	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1
Em branco.....	1	0	1	1	0	1	1	1	2	3	1	4
Total.....	50	50	100	50	50	100	50	50	100	150	150	300

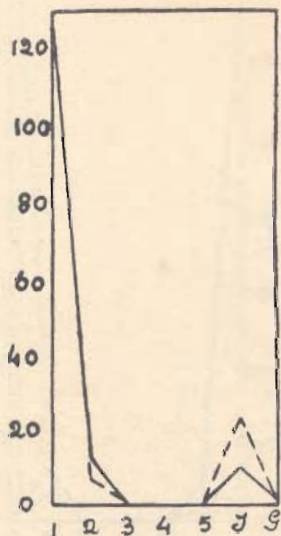


Fig. 5

A freqüência da 1.^a fase continúa a subir para 125 e 120; a da 2.^a continúa a descer para 11 e 7; a da garatuja é quase nula. Entre 6 e 9 anos as curvas de freqüência têm a mesma fisionomia.

8 ANOS

	1.º teste			2.º teste			3.º teste			T. dos testes		Total geral
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	
1. ^a Fase.....	46	47	93	42	48	90	46	36	32	134	131	265
2. ^a Fase.....	1	0	1	3	2	10	0	1	1	9	9	12
Indecisos.....	3	3	6	0	0	0	4	11	15	7	14	21
Em branco.....	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	2	2
Total.....	50	50	100	50	50	100	50	50	100	150	150	300

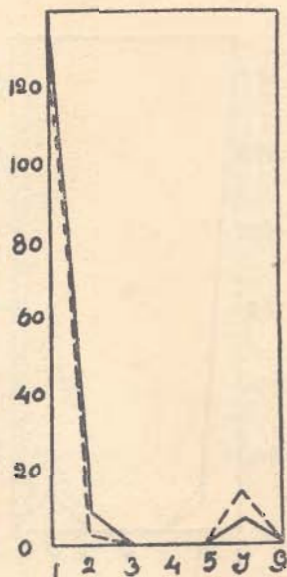


Fig. 6

A freqüência da 1.^a fase continua a subir para 134 e 131; a da 2.^a continua a descer para 9 e 3; a dos indecisos decresce um pouco para 7 e 14. A garatuja é nula nesta idade.

9 ANOS

	1.º teste			2.º teste			3.º teste			T. dos testes		Total geral
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	
1.ª Fase.....	45	47	92	47	50	97	40	47	87	132	144	276
2.ª Fase.....	0	0	0	2	0	2	1	0	1	3	0	3
Indecisos.....	4	3	7	0	0	0	8	3	11	12	6	18
Garatuja.....	1	0	1	1	0	1	1	0	1	3	0	3
Total.....	50	50	100	50	50	100	50	50	100	150	150	300

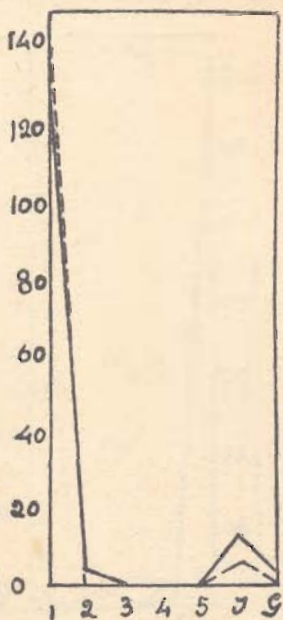


Fig. 7

A frequência da 1.ª fase continua a aumentar para o sexo feminino (144); a da 2.ª continua a decrescer para 3 e 0. A garatuja reaparece fracamente nesta idade.

10 ANOS

	1.º teste			2.º teste			3.º teste			T. dos testes		Total geral
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	
1. ^a Fase.....	44	48	92	46	50	96	40	47	87	130	145	275
2. ^a Fase.....	2	0	2	3	0	3	2	1	3	7	1	8
4. ^a Fase.....	1	0	1	1	0	1	2	0	2	4	0	4
Indecisos.....	3	2	5	0	0	0	6	2	8	9	4	13
Total.....	50	50	100	50	50	100	50	50	100	150	150	300

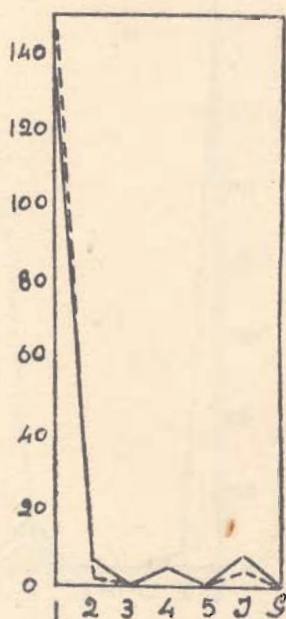


Fig. 8

A freqüência da 1.^a fase continúa a aumentar para o sexo feminino (145); aparece fracamente a 4.^a para o sexo masculino (4).

11 ANOS

	1.º teste			2.º teste			3.º teste			T. dos testes		Total geral
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	
1.ª Fase.....	43	47	90	46	46	92	40	43	83	129	136	265
2.ª Fase.....	3	0	3	4	4	8	5	4	9	12	8	20
3.ª Fase.....	1	1	2	0	0	0	0	0	0	1	1	2
Indecisos.....	3	2	5	0	0	0	5	3	8	8	5	13
Total.....	50	50	100	50	50	100	50	50	100	150	150	300

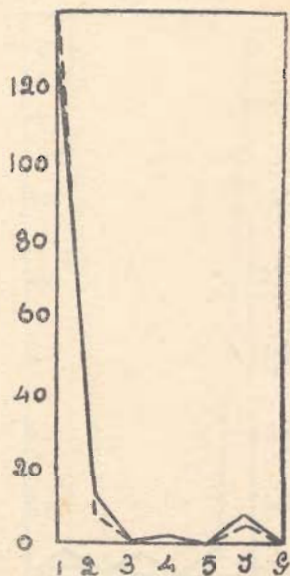


Fig. 9

A freqüência da 4.ª fase é quase nula (1 e 1); a garatuja não reaparece. Ha pouca diferença nos índices da 1.ª e 2.ª fases e dos indecisos.

12 ANOS

	1.º teste			2.º teste			3.º teste			T. dos testes		Total geral
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	
1. ^a Fase.....	41	49	90	44	50	94	42	45	87	127	144	271
2. ^a Fase.....	2	0	2	4	0	4	1	2	3	7	2	9
3. ^a Fase.....	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	1	1
4. ^a Fase.....	4	0	4	1	0	1	2	0	2	7	0	7
5. ^a Fase.....	0	0	0	1	0	1	0	0	0	1	0	1
Indecisos.....	3	1	4	0	0	0	5	2	7	8	3	11
Total.....	50	50	100	50	50	100	50	50	100	150	150	300

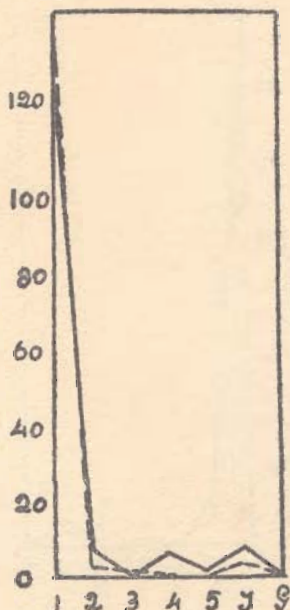


Fig. 10

Ha a notar o aumento de freqüência da 4.^a fase para o sexo masculino (7) e o aparecimento da 5.^a fase em grau muito fraco (1 para o sexo masculino).

13 ANOS

	1.º teste			2.º teste			3.º teste			T. dos testes		Total geral
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	
1.ª Fase.....	42	49	91	43	48	91	38	46	84	123	143	266
2.ª Fase.....	1	0	1	3	2	5	2	2	4	6	4	10
3.ª Fase.....	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	1
4.ª Fase.....	3	0	3	2	0	2	4	0	4	9	0	9
5.ª Fase.....	4	0	4	2	0	2	2	0	2	8	0	8
Indecisos.....	0	1	1	0	0	0	3	2	5	3	3	6
Total.....	50	50	100	50	50	100	50	50	100	150	150	300

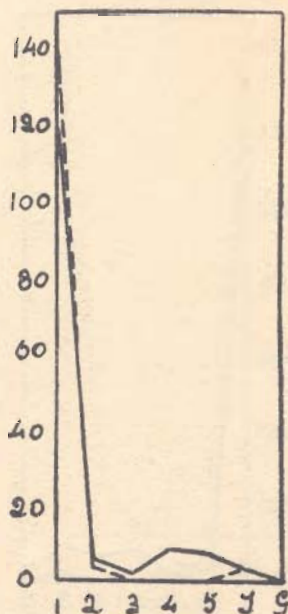


Fig. 11

A freqüência da 3.ª, 4.ª e 5.ª fases continua a aumentar fracamente para o sexo masculino, enquanto que os indecisos vão diminuindo. Em relação á 1.ª e 2.ª fases não ha diferença notável.

14 ANOS

	1.º teste			2.º teste			3.º teste			T. dos testes		Total geral
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	
1. ^a Fase.....	39	47	86	41	49	90	35	46	81	115	142	257
2. ^a Fase.....	1	1	2	5	1	6	2	1	3	8	3	11
3. ^a Fase.....	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1
4. ^a Fase.....	2	0	2	2	0	2	5	3	8	9	3	12
5. ^a Fase.....	2	0	2	2	0	2	3	0	3	7	0	7
Indecisos.....	5	2	7	0	0	0	5	0	5	10	2	12
Total.....	50	50	100	50	50	100	50	50	100	150	150	300

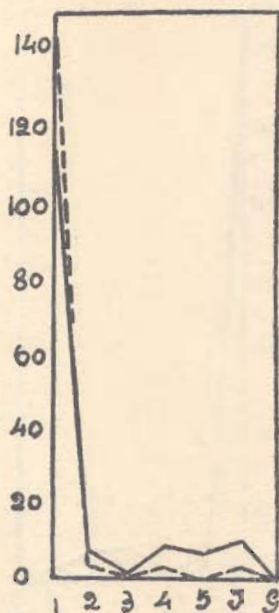


Fig. 12

A freqüência da 4.^a e 5.^a continúa quase a mesma para o sexo masculino (respectivamente 9 e 7) e para o sexo feminino aparece a 4.^a fase.

15 ANOS

	1.º teste			2.º teste			3.º teste			T. dos testes		Total geral
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	
1.ª Fase.....	34	44	78	40	44	84	19	37	56	93	125	218
2.ª Fase.....	3	1	4	4	3	7	8	7	15	15	11	26
4.ª Fase.....	4	2	6	5	1	6	7	7	10	16	6	22
5.ª Fase.....	5	0	5	1	2	3	5	0	5	11	2	13
Indecisos.....	4	3	7	0	0	0	10	3	13	14	6	20
Em branco.....	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	1
Total.....	50	50	100	50	50	100	50	50	100	150	150	300

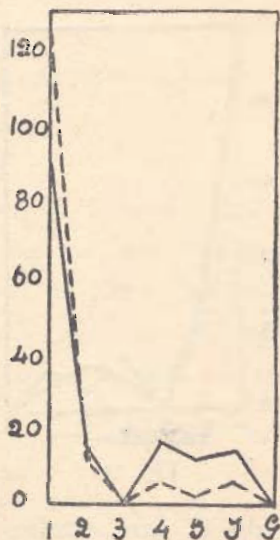


Fig. 13

Enquanto a frequência da 1.ª fase diminui consideravelmente para 93 e 125, a da 2.ª fase aumenta para 15 e 11, a da 4.ª aumenta para 16 e 6 e a da 5.ª sobe até 11 e 2. A 3.ª fase não reaparece nesta idade.

16 ANOS

	1.º teste			2.º teste			3.º teste			T. dos testes		Total geral
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	
1. ^a Fase.....	36	34	70	30	33	63	24	30	54	90	97	187
2. ^a Fase.....	3	2	5	12	9	21	14	12	26	29	23	52
3. ^a Fase.....	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	1
4. ^a Fase.....	2	5	7	6	6	12	1	4	5	9	15	24
5. ^a Fase.....	7	2	9	1	2	3	4	0	4	12	4	16
Indecisos.....	1	7	8	0	0	0	6	4	10	7	11	18
Em branco.....	1	0	1	1	0	1	0	0	0	2	0	2
Total.....	50	50	100	50	50	100	50	50	100	150	150	300

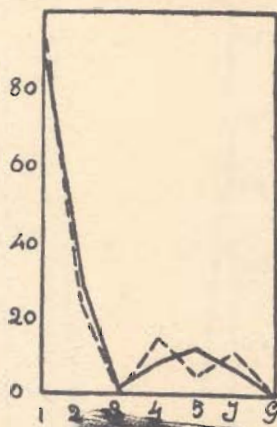


Fig. 14

A freqüência da 1.^a fase diminui sobretudo para o sexo feminino (97); a da 2.^a fase aumenta para 29 e 23; a da 4.^a diminui no sexo masculino para 9 e no sexo feminino aumenta para 15; a da 5.^a fase pouco difere da idade anterior; e a dos indecisos aumenta no sexo feminino e diminui no masculino respectivamente para 11 e 7.

CAPITULO VII

Freqüência das fases e níveis de aptidão

A freqüência das diferentes etapas através das idades. A 3.^a fase quase não se fez representar. Os níveis de aptidão segundo Decroly e Faria de Vasconcelos. Os nossos resultados segundo o criterio de Decroly. Quadro geral. A grande dispersão que obtivemos.

Poderemos apreciar melhor a evolução de cada uma dessas fases acompanhando a frequência das mesmas através das idades.

Assim, a primeira fase, conforme se vê na curva representada na fig. 15, não tem o mesmo desenvolvimento entre 3 e 16 anos. Nota-se na curva do sexo mas-

1.ª FASE

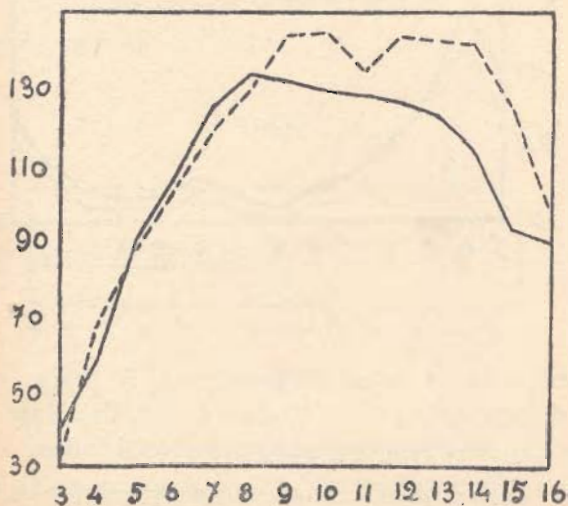


Fig. 15

culino uma ascendência sempre crescente até 8 anos; daí até 12 anos decresce lentamente e até 16 anos bruscamente. A maior elevação é de 134 aos 8 anos. Na curva do sexo feminino ha ascendência até 10 anos; ha uma depressão aos 11 anos; entre 12 e 14 uma descida lenta; daí até 16 uma descida rapida. A maior elevação é de 145 aos 10 anos.

E' a fase que mais se destaca nos desenhos de qualquer idade.

A 2.^a fase (fig. 16) não tem o mesmo desenvolvimen-
to que a anterior, no entanto ha maior uniformidade

2.^a FASE

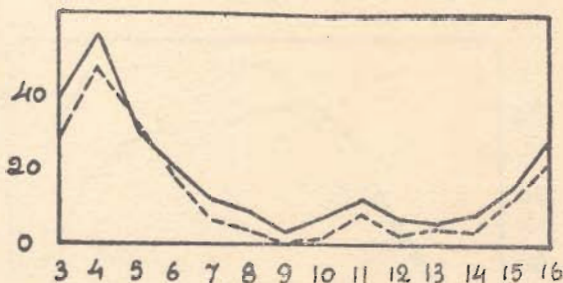


Fig. 16

de fisionomia entre as duas curvas. A maior depressão se dá aos 9 anos para os dois sexos. Esta fase é mais fortemente assinalada nas primeiras idades.

A 3.^a fase é quase nula; está representada por uma linha horizontal com duas pequenas elevações entre

3.ª FASE

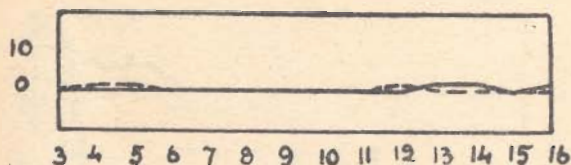


Fig. 17

4 e 5 anos para o sexo feminino e entre 12 e 16 anos para os dois sexos. A maior elevação é de 1 entre 12 e 14 anos (Fig. 17).

A 4.ª fase (fig. 18) aparece fracamente a partir de 10 anos para o sexo masculino e de 11 para o sexo feminino. As duas curvas sóbem pouco: a maior elevação se dá aos 15 e 16 anos.

4.ª FASE

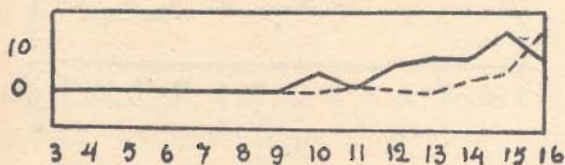


Fig. 18

A 5.ª fase (fig. 19) é menos notável que a 4.ª. Aparece aos 12 anos para o sexo masculino, subindo fracamente até 16 anos.

5.ª FASE

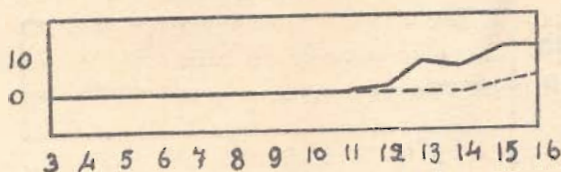


Fig. 19

Para o sexo feminino aparece apenas aos 15 e 16 anos.

A fase dos indecisos (fig. 20) é mais notável que as duas anteriores. As duas curvas sobem até 6 e 7 anos

FASE DOS INDECISOS

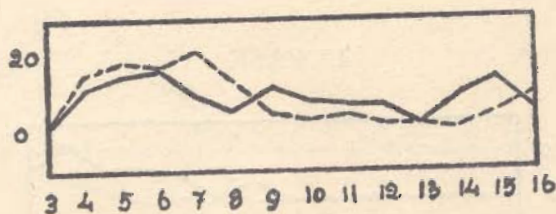


Fig. 20

e daí por diante descem com alternativas até quase se anularem aos 13 e 14 anos.

A fase da garatuja é talvez mais elucidativa e lógica que as demais, (fig. 21).

FASE DA GARATUJA

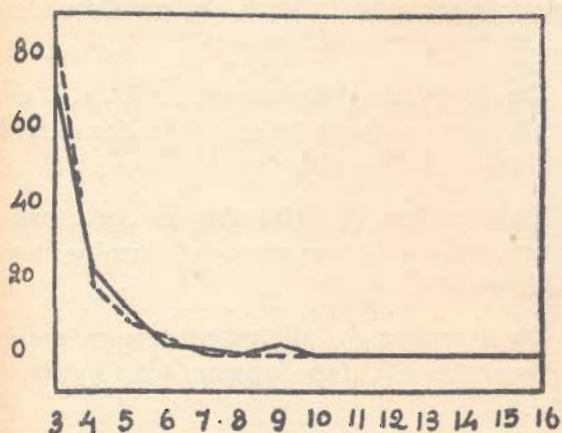


Fig. 21

Começando aos 3 anos em 71 e 90, vão descendo regularmente as curvas até se anularem completamente aos 7 anos para o sexo feminino e 10 anos para o sexo masculino.

Apurados os resultados, Decroly chegou às seguintes conclusões:

1.º Os desenhos feitos por crianças com menos de 8 anos, pertencentes às 2.ª, 3.ª e sobretudo à 4.ª fase indicam uma disposição para o desenho;

2.º A maioria dos desenhos de crianças com mais de 8 anos pertencem às 3.ª e 4.ª fases;

3.º Os desenhos pertencentes à 1.ª fase em crianças com mais de 8 anos são considerados como um sinal de inferioridade;

4.º Os desenhos pertencentes à 1.ª fase em adolescentes com mais de 14 anos são considerados como um sinal de inferioridade grave;

5.º Os desenhos pertencentes às 2.ª e 3.ª fases de adolescentes com mais de 14 anos são considerados como um sinal de inferioridade;

6.º Os desenhos de adolescentes com mais de 14 anos pertencentes à 4.ª fase são considerados como sinal de aptidão média, normal;

7.º Os desenhos de adolescentes com mais de 14 anos pertencentes à 5.ª fase indicam uma aptidão acima da média.

Faria de Vasconcelos chegou à seguinte percentagem por fase em cada grupo de alunos:

- a) Crianças de 8 a 10 anos: 1.ª fase 67 %, 2.ª fase 21,6 %, 4.ª e 5.ª fases 10,6 %;
- b) Crianças de 11 a 13 anos: 1.ª fase 56,3 %, 2.ª fase 30,8 %, 4.ª e 5.ª fases 6,7 %;
- c) Adolescentes de 14 a 16 anos: 1.ª fase 4,4%, 2.ª fase 24,3 %, 4.ª e 5.ª fases 68,3 %;
- d) Adolescentes de 17 a 19 anos: 1.ª fase 5,4 %, 2.ª fase 27,7 %, 4.ª e 5.ª fases 66,8 %.

Da comparação dos resultados encontrados por Decroly e por Faria de Vasconcelos resalta que as crianças portuguesas de 8 a 13 anos estão mais atrasadas do que as belgas: as primeiras estão na 1.ª e 2.ª fases e as segundas na 3.ª e 4.ª.

Em face desta diferença de resultados, Faria de Vasconcelos estabeleceu um critério de julgamento especial para as crianças portuguesas.

Adoptando o critério de Decroly, chegámos ao seguinte resultado:

Inferioridade grave: 14 a 16 anos — 1.ª fase:

14 anos	—	257	desenhos
15 "	—	218	"
16 "	—	187	"
—			
Total		662	

Inferioridade: 8 a 13 anos — 1.ª fase

14 a 16 " — 2.ª e 3.ª fases

8 anos	—	265	desenhos
9 "	—	276	"
10 "	—	275	"
11 "	—	265	"
12 "	—	271	"
13 "	—	266	"
14 "	—	12	"
15 "	—	26	"
16 "	—	53	"
—			
Total		1709	

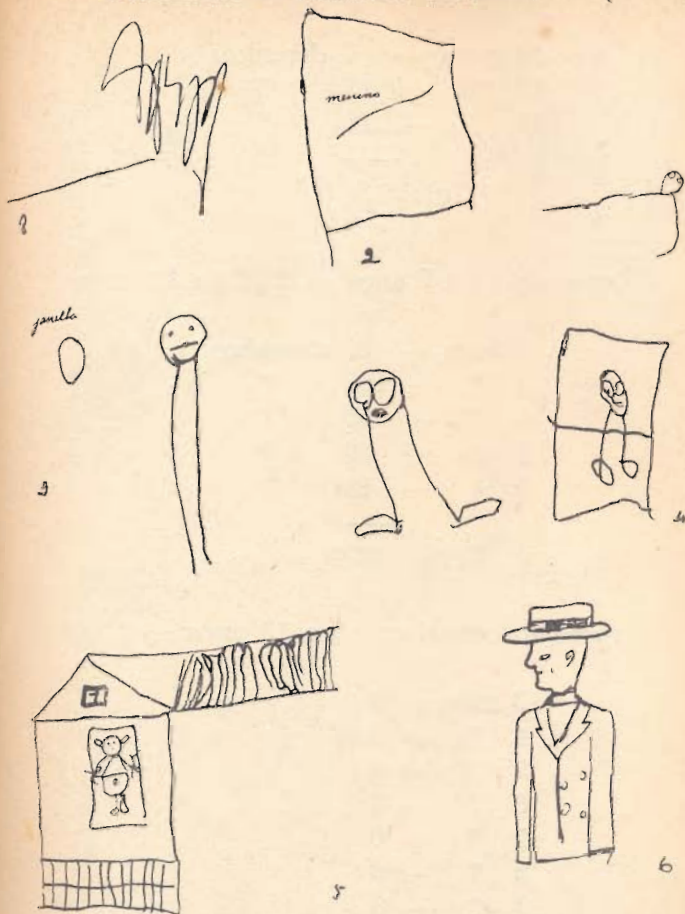
Aptidão média: 3 a 7 anos — 1.^a fase
 8 a 13 " — 2.^a e 3.^a fases
 14 a 16 " — 4.^a fase

3 anos	—	72	desenhos
4 "	—	126	"
5 "	—	179	"
6 "	—	212	"
7 "	—	245	"
8 "	—	12	"
9 "	—	3	"
10 "	—	8	"
11 "	—	20	"
12 "	—	10	"
13 "	—	11	"
14 "	—	12	"
15 "	—	22	"
16 "	—	24	"

Total 956

Aptidão acima da média: 8 a 13 anos — 4.^a fase
 14 a 16 " — 5.^a fase

8 anos	—	0	
9 "	—	0	
10 "	—	4	desenhos
11 "	—	2	"
12 "	—	7	"
13 "	—	9	"



QUADRO I

Desenhos da prova de Decroly

- 1.º Teste — N.º 1: garatuja, de criança de 3; 4 (m)
 N.º 2: 1.ª fase, de criança de 4; 1 (f)
 N.º 3: indeciso, de criança de 5; 3 (f)
 N.º 4: 1.ª fase, de criança de 4; 9 (f)
 N.º 5: indeciso, de criança de 6; 0 (m)
 N.º 6: 3.ª fase, de criança de 15; 0 (m)

14 anos	—	7	desenhos
15 "	—	13	"
16 "	—	16	"

Total 58

Disposição: 3 a 7 anos — 2.^a, 3.^a e 4.^a fases

3 anos	—	65	desenhos
4 "	—	102	"
5 "	—	63	"
6 "	—	39	"
7 "	—	18	"

Total 287

Disposição superior: 3 a 13 anos — 5.^a fase

3 anos	—	0
4 "	—	0
5 "	—	0
6 "	—	0
7 "	—	0
8 "	—	0
9 "	—	0
10 "	—	0
11 "	—	0
12 "	—	1 desenho
13 "	—	8 desenhos

Total 9



QUADRO II

Desenhos da prova de Decroly

- Teste — N.º 1: 1.ª fase, de criança de 5; 9 (f)
 N.º 2: 4.ª fase, de criança de 16; 1 (m)
 N.º 3: 1.ª fase, de criança de 4; 10 (f)
 N.º 4: 1.ª fase, de criança de 7; 3 (m)
 N.º 5: 1.ª fase, de criança de 4; 10 (f)

QUADRO GERAL

Aptidão	N.º de desenhos	%
Inferioridade grave	662	17,9
Inferioridade	1709	46,4
Média	956	25,9
Acima da média	58	1,5
Disposição	287	7,7
Disposição superior	9	0,2

Apurando os resultados, em relação aos sexos, obtivemos:

Inferioridade grave:

	M	F	
14 anos —	115	142	desenhos
15 " —	93	125	"
16 " —	90	97	"
	<hr/>	<hr/>	
Totais	298	364	

Inferioridade:

	M	F	
8 anos —	134	131	desenhos
9 " —	132	144	"
10 " —	130	145	"
11 " —	129	136	"
12 " —	127	144	"
13 " —	123	143	"

	M	F	
14 anos —	9	3	desenhos
15 " —	15	11	"
16 " —	30	23	"
	<hr/>	<hr/>	
Totais	829	880	

Aptidão média:

	M	F	
3 anos —	40	32	desenhos
4 " —	59	67	"
5 " —	91	88	"
6 " —	107	105	"
7 " —	125	120	"
8 " —	9	3	"
9 " —	3	0	"
10 " —	7	1	"
11 " —	12	8	"
12 " —	7	3	"
13 " —	7	4	"
14 " —	9	3	"
15 " —	16	6	"
16 " —	9	15	"
	<hr/>	<hr/>	
Totais	501	455	

Acima da média:

	M	F	
8 anos —	0	0	
9 " —	0	0	
10 " —	4	0	desenhos
11 " —	1	1	"

	M	F	
12 anos —	7	0	desenhos
13 " —	9	0	"
14 " —	7	0	"
15 " —	11	2	"
16 " —	12	4	"
	<hr/>	<hr/>	
Totais	51	7	

Disposição:

	M	F	
3 anos —	37	28	desenhos
4 " —	54	48	"
5 " —	30	33	"
6 " —	20	19	"
7 " —	11	7	"
	<hr/>	<hr/>	
Totais	152	135	

Disposição superior:

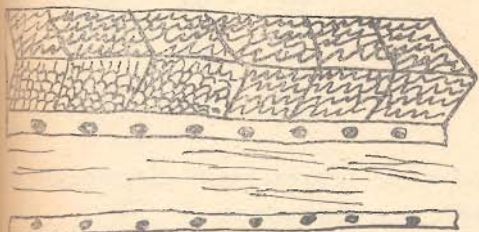
	M	F
3 anos —	0	0
4 " —	0	0
5 " —	0	0
6 " —	0	0
7 " —	0	0
8 " —	0	0
9 " —	0	0
10 " —	0	0



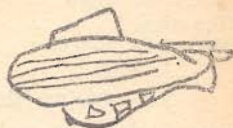
1



2



3



4



5-

QUADRO III

Desenhos da prova de Decroly

- 1º Teste — N.º 1: 1.ª fase, de criança de 7; 5 (m)
 N.º 2: 1.ª fase, de criança de 5; 8 (m)
 N.º 3: 5.ª fase, de criança de 14; 10 (f)
 N.º 4: indeciso, de criança de 5; 8 (f)
 N.º 5: 1.ª fase, de criança de 7; 6 (m)

	M	F
11 anos —	0	0
12 " —	1	0 desenho
13 " —	8	0 desenhos
— — —		
Totais	9	0

RESUMO GERAL

Aptidão	N.º de desenhos		%	
	M	F	M	F
Inferioridade grave	298	364	16,1	19,7
Inferioridade	829	880	45,05	47,8
Média	501	455	27,2	24,7
Acima da média	51	7	2,7	0,3
Disposição	152	135	8,2	7,3
Disposição superior	9	0	0,4	0

As curvas da fig. 22 representam claramente os resultados em relação aos dois sexos.

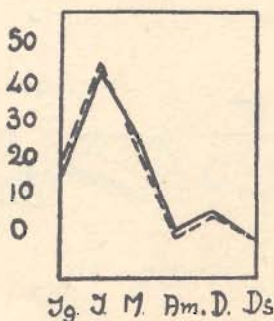


Fig. 22

Deixámos de estabelecer a correlação dos nossos índices com os obtidos por Decroly e Faria de Vasconcelos, respectivamente entre as crianças belgas e por-

tuguesas, em virtude da grande dispersão dos resultados encontrados. Enquanto aqueles autores conseguiram estabelecer verdadeiros níveis de aptidão, classificando as crianças nas diferentes etapas, entre nós, os resultados, dispersos em uma mesma criança, permitiram apenas a classificação por desenhos. Daí a impossibilidade de fazermos a referida correlação.

CAPITULO VIII

Considerações sobre a aptidão para o desenho

A inferioridade das crianças pernambucanas em relação ás belgas e ás portuguezas. A razão dessa inferioridade. Antiga e nova concepção de aptidão. A educabilidade das aptidões. O habito de desenhar e a situação de nossos alunos. O valor diagnostico dos testes decrolianos. As aptidões em face das modernas correntes psicologicas: Stern, Wallon, Adler.

Apurados os resultados podemos concluir pela inferioridade das crianças pernambucanas comparadas com as crianças portuguesas, visto como estas em sua maioria pertencem à 1.^a e à 2.^a fases, enquanto que as nossas se fixaram quase exclusivamente na 1.^a fase.

Pretendendo explicar a razão da inferioridade das crianças portuguêsas em comparação com as belgas, Faria de Vasconcelos faz referência aos métodos escolares belgas, inegavelmente superiores aos portugueses; aqueles "mais vivamente solicitam e estimulam o desenvolvimento mental e o desenvolvimento da linguagem gráfica, êstes quase que dão uma importância exclusiva á linguagem verbal."

Ainda Faria de Vasconcelos toca, um pouco de relance, na questão da raça e da constituição, mas, á falta de elementos positivos, não chegou a estabelecer as verdadeiras causas do fato.

No Recife o caso não foi diferente. Parece que os métodos adotados entre nós têm uma influência decisiva sobre a nossa fraca aptidão para o desenho. Dissemos no início dêste estudo que a disciplina de desenho tinha sido instituída ha alguns anos nas escolas primarias e por isso poderia influir sôbre as crian-

ças, quanto à escolha dos assuntos a desenhar espontaneamente e quanto à maneira de fazer o desenho, mas esta influência não chegou a manifestar-se no desenvolvimento da aptidão.

Nas nossas escolas, até bem pouco tempo, não era o desenho uma atividade de todo momento; antes, era uma disciplina como a aritmetica ou a geografia, com o seu programa e o seu horario especiais.

O mesmo não acontece nas escolas belgas. Nestas o desenho não é apenas uma disciplina cujo progresso esteja mais ou menos dependente dos esforços de cada aluno. O desenho constitue nestas escolas uma atividade geral que penetra todo o trabalho escolar. A proposito de qualquer lição ha oportunidade para as crianças desenharem. E' um instrumento de aprendizado e um factor de desenvolvimento. Mesmo no plano estabelecido na escola decroliana, já inteiramente difundida na Belgica, o desenho faz parte do terceiro momento da marcha de qualquer lição: a expressão — o que torna o desenho uma atividade tão importante e tão exercitada quanto a leitura ou a escrita (1).

*

* * *

Não ha duvida que o habito de desenhar acabará por fixar certas disposições que se consolidarão em aptidão manifesta, através das gerações. Não é momento para tratarmos da estrutura e mecanismo das

(1) A. Hamaïde — El metodo Decroly — Barcelona. 1927.

aptidões — problema que tem interessado profundamente os modernos psicólogos.

Para Thorndike as aptidões têm uma autonomia própria e o espírito não passa de uma coleção de aptidões particulares — é a teoria da independência geral. Na opinião de Spearman a aptidão é uma resultante de dois fatores — um especial e outro geral. Deste ultimo depende o desenvolvimento de todas as aptidões de caráter particular.

A esses fatores da teoria de Spearman junta Webb um terceiro de natureza moral — vontade — o qual age em concordância com o fator geral, produzindo o potencial das aptidões. Garnett ainda acrescenta um quarto fator — a sagacidade — aos já admitidos por Spearman e Webb. Criticando essa permanência de fatores estruturais, Thomson e Brown defendem a teoria da combinação fortuita dos elementos. Apesar do grande esforço desenvolvido pelos modernos psicólogos no sentido do esclarecimento da natureza das aptidões, o certo é que permanecemos longe de uma explicação total.

A classica noção de que as aptidões têm uma origem rigorosamente inata vem sendo pouco a pouco substituída pela que admite a possibilidade da transmissão de caracteres adquiridos. Depois das pesquisas de Pavlov não é possível permanecermos fóra da evidência dos fatos. Falar de aptidões que se formam a custa de uma fixação lenta de caracteres já não constitui, hoje, uma heresia científica.

Mesmo sem sermos radicaes, podemos admitir uma certa plasticidade das aptidões. Nisto os autores combinam.

“Todas as nossas atividades — escreve Ed. Claparède — psíquicas ou fisiológicas, são a resultante ao mesmo tempo da herança e do meio. Sem os multiplos excitantes que motivaram seu desenvolvimento, sem o jogo, sem a imitação, todas as nossas funções psíquicas permaneceriam em estado embrionario” (1).

Tudo indica haver uma educabilidade das aptidões. Claparède chega mesmo a distinguir as aptidões educáveis e as ineducáveis (2). Entre as pouca ou nada educáveis encontram-se a memória bruta e a sensibilidade e entre as que possuem um alto grau de educabilidade estão as que dependem da coordenação motriz. O desenho, de certo, acha-se incluído entre estas.

Nas nossas escolas, porém, o desenho tem sido uma disciplina de aplicação muito fraca. Os alunos desenhavam tantas vezes por semanas, como cantam tantas vezes os hinos patrióticos ou fazem exercicios ginásticos: sem entusiasmo, sem interesse, arbitrariamente, apenas para cumprir o regimen escolar. Por ser um aprendizado desordenado e sem objetivo propriamen-

(1) Ed. Claparède — *Comment diagnostiquer les aptitudes chez les les écoliers*. Paris — 1927.

(2) Ed. Claparède — *L'Orientation professionnelle* — Genève.

educativo é que o desenho não chega a dar hábitos motrizes cada vez mais ageis e perfeitos e não contribue para a formação mental das crianças.

A propósito da fixação de caractéres, diz J. J. Van Biervliet que (1):

“Todo homem superior em um domínio qualquer é o produto de um longo encadeamento através de varias gerações. E todo sêr desgraçado é o remate de uma grande série de preguiçosos ou de doentes que se têm deixado degradar. O benefício dos esforços feitos por nossos ascendentes e a perda resultante da sua preguiça aparecem em nós desde o berço; antes de ter uma historia, temos uma prehistoria, sem duvida bem longa, porque somos já muito velhos desde que nascemos.”

Assim não é fóra de propósito attribuir a nossa incapacidade para o desenho à influencia hereditária: os nossos bisavós não freqüentaram escolas, os nossos avós e os nossos pais não desenharam absolutamente durante o nosso estágio escolar quase não desenhámos. As crianças de hoje não poderiam ser em massa outra cousa do que são. Os resultados a que chegá-

(1) J. J. Van Biervliet — *La Psychologie d'aujourd'hui*. Bruxelles. 1927.

mos correspondem perfeitamente à realidade dos fatos. Aliás essa inferioridade já vem sendo notada por varios experimentadores, entre os quais Ulisses Pernambucano, Isaias Alves e Anibal Bruno, em relação a outras atividades.

*

* *

Um ponto ainda a esclarecer é o que se refere ao valor diagnóstico dos testes decrolianos de desenho. No estudo das aptidões o difícil, segundo Claparède, é encontrar-se testes capazes de revelar as atividades mentais que servem de base a essas aptidões. Para isto seria preciso o conhecimento exato da estrutura e do mecanismo das mesmas. Na impossibilidade de, na hora presente, conhecermos perfeitamente essa estrutura e mecanismo, somos forçados a confessar a relatividade de valor dos resultados obtidos no diagnóstico das aptidões, não só em relação ao grau, como à variedade.

Muitas vezes um teste considerado próprio para pôr em evidência uma certa aptidão não corresponde de maneira precisa o seu objetivo. Mesmo quando um teste se destina a uma aptidão, igualmente se dirige às funções que se encontram em jogo nela. Surge, então, um novo problema: o de saber quais as funções que se acham compreendidas em cada aptidão, pelo menos as que predominam e dão caracter particular à aptidão.

Exatamente nisto é que os psicólogos empenhados na determinação dos tipos individuais agem um tanto levemente. Em geral, na análise dos processos mentais que se encontram na trama das aptidões os experimentadores derivam para o domínio das conjecturas (1).

O problema dos processos mentais que entram em função em determinada atividade humana — intelectual, técnica ou simplesmente manual — é talvez mais delicado do que a determinação das aptidões em face dessas mesmas atividades.

Desta falha ressentem-se as monografias que pretendem fixar as bases das diferentes profissões (2). Faria de Vasconcelos, a propósito do desenho, enumera uma serie de processos motrizes e visuais considerados isoladamente ou associadamente, nele contidos, sem atender a um rigoroso critério científico. Destaca dos processos — a capacidade de percepção de diferenças e semelhanças, de discriminação das dimensões, proporções e direções em diversos planos, de linhas, superfícies, volumes e movimentos; capacidade de visão das côres, das gradações de luz; rapidez, destreza, precisão dos movimentos, fatigabilidade, coordenação das funções oculo-motrizes; memória visual das formas, das linhas, das superfícies, dos volumes, dos movimentos executados; capacidade de adaptação visual-motriz a novas formas e movimentos; a capacidade de imaginação criadora, etc.

(1) Como o fizeram Borremans, Ponthiere, Maquet, Monchamps e Vandervest — *L'Orientation professionnelle*. Bruxelles.

(2) H. Wallon — *Selection et orientation professionnelles* — *Journal de Psychologie*, Nos. 9 e 10 — Novembro e Dezembro de 1929.

Se não podemos assegurar de maneira rigorosamente científica que todos esses processos se acham contidos na aptidão para o desenho, pelo menos a intuição inclina-nos a aceitar muitos dêles por força de lógica. Entretanto, os testes de Decroly não envolvem processos que poderíamos considerar essenciais: percepção das diferenças e semelhanças, destreza e precisão dos movimentos, memória das formas e poder de invenção.

Se existem todos ou parte desses processos nos testes decrolianos, não podemos deixar de assinalar o plano secundario em que se encontram, não só como elementos de organização dos testes, como de apuração dos resultados. Além disso, as qualidades exigidas para a execução de um teste são as mesmas para os demais. Esta monotonia trará certamente desinteresse e em seguida um pouco de fadiga aos desenhadores.

Adotando o criterio de Decroly e de Faria de Vascelos, criterio dos processos mentais na base das aptidões, poderíamos adeantar que os testes destinados a apurar a aptidão para o desenho deveriam ser organizados de tal maneira que pela sua variedade houvesse ocasião para pôr em relêvo o maior número de processos mentais que fazem parte da trama da aptidão.

Indaguemos agora: a que fica reduzido êsse criterio de considerar as aptidões, em face das modernas correntes totalitárias da psicologia?

Vejamos como W. Stern — um mestre da psicologia moderna — encara a questão (1):

“Tudo o que encontramos no homem, seus estados de consciência assim como as partes de seu corpo e seus movimentos, seus atos assim como suas impressões, suas aptidões e suas inclinações — não são jamais elementos isolados tendo uma significação própria e uma existência independente. São aspectos sem autonomia verdadeira deste todo vivente que se crea e se organiza inteligentemente a que chamamos um individuo humano. O homem não é um mosaico: não é preciso descrevê-lo como um mosaico. Todas as tentativas para dar, por uma serie de resultados de testes, uma imagem do homem são em princípio errôneas. Naturalmente isso não significa que uma decomposição não seja necessaria, porque nenhum trabalho científico é possível se se não aprofundar os detalhes por inqueritos particulares. Mas queremos dizer que a análise jamais evidencia os “elementos” reais, as unidades simples, que bastariam combinar para reproduzir o todo. Toda particularidade isolada só recebe sua significação própria por sua posição na personali-

11 W. Stern — *La psychologie de la personnalité et la méthode des tests. Journal de Psychologie* — XXV ano, n.º 1 — Janeiro de 1928.

dade total; toda análise deve ser completada metódicamente sob o ponto de vista da *relação com o conjunto da personalidade*".

Em materia de determinação das aptidões, toda fórmula tem de ceder aos imprevistos inexplicáveis do próprio desenvolvimento individual. Certas falhas e lacunas de aptidão tornam-se algumas vezes fonte de superioridade por uma reação do individuo. É a opinião de H. Wallon (1):

"O exercício pode desenvolver quer rapidamente, quer em grandes proporções, uma aptidão que de início parecia mediócre. Ainda mais, acontece que certas faltas de aptidão tornam-se, no mesmo dominio, uma fonte de superioridade, por um mecanismo de compensação ou de supercompensação que Adler tem assinalado." "Algumas vezes ha reação do individuo ao sentimento de inferioridade, o qual desenvolve nêle a certeza de um defeito ou de uma insuficiência. Em lugar de succumbir a isto, de se abandonar, ou dissuadir-se da ação, ou derivar para atividades substitutivas pode êle querer impôr-se e muitas vezes sôbre o proprio terreno de suas humilhações. Então o individuo utiliza em grau maximo os

(1) H. Wallon — *Selection et Orientation Professionnelles* — *Journal de Psychologie*. XXVI ano, nos. 9 e 10. Novembro e Dezembro de 1929.

meios de substituição ou de refôrço de que dispõe, mas seu exito consiste freqüentemente em obter o equivalente dos resultados interditos por sua insuficiência...”.

Esta concepção de Adler veio esclarecer vivamente o quadro obscuro das aptidões e dar uma certa prudência àqueles que pretendem fixar certos aspectos quase inapreensíveis da fisionomia mental da criança.